

Batalha!

Batalha!

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI
VALDIR BERNARDES JR.

Ilustrações: Gugie Cavalcanti

Batalha!

© Tânia Alexandre Martinelli e Valdir Bernardes Jr., 2021

PRESIDÊNCIA · Mario Ghio Júnior
DIREÇÃO DE OPERAÇÕES · Alvaro Claudino dos Santos Junior
DIREÇÃO EDITORIAL · Daniela Lima Villela Segura
GERÊNCIA EDITORIAL E DE NEGÓCIOS · Carolina Treslavay
COORDENAÇÃO EDITORIAL · Laura Vecchioli
EDIÇÃO · Lígia Maria Marques
REVISÃO · Adriane Piscitelli e Juliana Muscovick
PROJETO PEDAGÓGICO · Patricia Anunciada

ARTE

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop (Marcelo Curvello, Felipe Kaizer)
EDIÇÃO DE ARTE · Nathalia Laia
DIAGRAMAÇÃO · Estúdio Insólito

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Martinelli, Tânia Alexandre
Batalha! / Tânia Alexandre Martinelli, Valdir Bernardes Junior ; ilustrações de Gugie Cavalcanti. – 1. ed. – São Paulo : Ática, 2021.

136 p. (Coleção Sinal Aberto)

ISBN 978-85-08-19599-2

1. Literatura juvenil I. Título II. Bernardes Junior, Valdir III. Cavalcanti, Gugie

20-4489

CDD 028.5

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL: 750511

CAE: 736763

2021

1ª edição

1ª tiragem

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901, Bela Vista – São Paulo – SP – CEP 01310-200

Tel.: (0XX11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor: www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Múltiplas batalhas

Slam é o nome que se dá às batalhas de poesia falada. E é por essa força da **poesia** que Tati se encanta. Mas, em casa, a jovem vivencia outras **batalhas**: enquanto sofre com um relacionamento cheio de idas e vindas com Davi, sua mãe enfrenta problemas com o ex-marido, de quem está separada há dez anos.

Já Helô, a melhor amiga de Tati, é engajada na batalha contra o **racismo** e o **machismo**, além das demais violências sofridas por moradoras e moradores das periferias brasileiras.

A **crew** de Henrique, por sua vez, batalha para dar destaque a manifestações artísticas periféricas como o **hip-hop**.

Tati, Helô, Henrique e sua turma são personagens que encaram as batalhas da adolescência, trazem luz às **injustiças** e **desigualdades** e sentem na pele que a cultura não se dá de igual maneira para todos os cidadãos.

Não perca!

- *Mescla de gêneros: romance, diário e epistolar.*
- *Aluna sugere ao professor de Literatura que traga as poesias do rap para a sala de aula, pois não sente que as poesias canônicas têm a ver com a sua realidade.*
- *Uma crew composta por DJ, grafiteiro, MC, b-girls.*
- *Organização das festas de rua, intercâmbio de diferentes bairros, relações dos jovens com a comunidade.*
- *Ex-marido usa a questão da guarda da filha como forma de subjugar a ex-esposa.*



*A Rafael Rocha da Silva.
Tânia Alexandre Martinelli*

*A Evandro Marcos Machado, por ter me apresentado o mundo da literatura, à minha esposa, Tatiana V. M. Bernardes e aos meus filhos, Vinícius M. Bernardes e Henrique M. Bernardes, pelo apoio e incentivo constantes.
Valdir Bernardes Jr.*

Se você pensa
que só porque estou
sozinha
você pode chegar
que eu vou gostar
esquece
não é assim.
Eu sou uma pessoa
de muitas pessoas
Tal qual o poeta
inquieta.
Não se iluda
ninguém pode tudo.
Sou alguém que pensa,
chora e ri, e você,
você tem que ter respeito por mim.
Se rolar um papo legal
tudo bem, pode ser.
Mas se for só o calor do abraço
passo
Me esquece
porque não é assim
E fim.

1

Adoro acordar na comunidade e olhar a cidade daqui de cima, contemplar o mar no horizonte, respirar. Florianópolis é continente e ilha. A Ilha da Magia.

Logo cedo, o som já está alto nos barracos, nos carros transitando pelas ruas. A trilha sonora começa com Tim Maia — “Que beleza!” — e passa por todos os gêneros musicais. Ter um carro muito louco mexe com o sonho de boa parte da rapaziada, às vezes a conversa acaba girando por aí: um dia, vou ter um.

Na quebrada, a humildade é o que prevalece, aqui no morro se aprende a ser gente. Mas gente com G maiúsculo, entende?, pois há um ditado nas ruas que diz: “Moral não se ganha, se faz!”. Se você não for considerado, é certo que terá problemas.

No Morrão, fim de semana é dia de churrasco: arma-se uma churrasqueira na rua, e as pessoas ficam o dia inteiro conversando. A garotada solta pipa, rasga os dedos jogando bola nas vielas ou toma banho de mangueira nos becos. Os manos fazem uma grande roda e lançam seus versos. Os grafites nos muros são poesia e dão cor à quebrada.

Quando a noite cai, tudo muda por aqui no Morro do Horácio. Nem sempre se sente o clima alegre e divertido que se vê durante o dia. Às vezes, fica tenso. Um corre-corre, o giroflex da viatura da polícia ligado, a lanterna na sua cara, qualquer um vira suspeito de uma hora pra outra.

Ainda assim, a molecada aproveita pra brincar de polícia e ladrão, nos moldes do que a gente vê nos filmes, se lançando pelas escadarias, vielas e se escondendo em poços artesianos. Pois é, aqui tiramos água dos poços. A diversão também rola solta pelas enormes galerias de água corrente, que nasce lá em cima e atravessa toda a comunidade.

Te digo uma coisa: quem é forte resiste, quem é fraco se perde e nunca mais é visto.

A vista daqui de cima é muito mais bonita.

Então, a gente fica na brisa.

2

— Oi!

Tati virou-se na direção de Helô, apenas o instante de cumprimentá-la:

— Oi, tudo bem?

Helô sentou-se ao lado da amiga, num dos bancos do pátio da escola. Era cedo e a aula ainda não tinha começado. Foi ajeitando os cadernos no colo ao mesmo tempo que continuava dizendo:

— Comigo sim. E com você?

— Também.

— O que aconteceu no fim de semana?

— No fim de semana?

— Dá pra me olhar enquanto responde?

Tati deixou o celular de lado:

— Eu tô ouvindo! Por acaso não te respondi?

Helô baixou os olhos mirando o aparelho:

— Com quem tá falando?

— Ninguém importante.

Sinal de mensagem recebida. Ninguém se mexe.

— Preciso responder, Helô! É a costureira, preciso fazer a barra numa calça.

— E você estava tão compenetrada quando eu cheguei por causa da costureira?

— Que tem?

— Conta outra.

— Ai, Helô!

— Tá bom, não quer contar, não conta. Mas você podia ter me ligado no sábado e a gente conversava melhor. Te mandei um monte de mensagens e você nem visualizou! E, depois, aquele poema. Eu te sigo, esqueceu?

— Não quero falar sobre isso agora. Aliás, não quero nunca mais falar disso com ninguém! Chega. O amor é a coisa mais idiota que existe, ponto. Acho que já ouvi essa frase numa música...

— Até parece...

— Ouvi, quer apostar?
— Não se faça de desentendida.
— Helô, papo encerrado. Cansei. Cansei mesmo. Estou farta!
— “Estou farta de tanto pensar e não chegar à conclusão alguma...”

Desmancharam a cara séria e riram. Helô declamando em tom solene o poema da amiga.

— Só você... — Tati balançou a cabeça, meio sorriso nos lábios.
— Amo os seus poemas!
— Só você! Agora em outro sentido.
— Acho legal essa coisa que você tem com as palavras... Esse jeito de brincar com os sentidos, quero dizer. Sempre que pensa num significado já imagina outro, por isso que o professor de Português te ama.

— Tonta.
Tati deu um suspiro. Prosseguiu, depois de um instante:

— Tem hora que eu sinto que não tenho nada a ver...
— Com o Davi?
— Com o mundo!
— Ah, deixa disso!
— “Eu sou uma pessoa de muitas pessoas...” Não foi o que escrevi? É assim que me sinto! Num momento, posso ser só amor, no outro, morro de raiva. Tanta que me desconheço!
— Nossa! Pelo jeito tá falando do Davi!
— De quem mais? Cretino! Mas não tô a fim de conversar sobre ele agora. Tenho raiva só de lembrar! — Tati pegou o celular. — Posso responder pra costureira?

Helô deu de ombros:
— Pode, né. Chata! — Helô ficou calada por um momento enquanto Tati prestava atenção no que digitava. — Eu sei que aconteceu alguma coisa, senão você não teria escrito aquele poema.

— Eu sempre tô escrevendo poesia, não importa o que aconteça.
— Escreve e não mostra pra ninguém. Grande coisa.
— E daí?
— Daí que você tem um monte de seguidores.
— Não ligo. Escrevo pra mim, pra treinar.

- Que mentira! Se fosse assim, teria um diário igual aos que as nossas mães tiveram. Trancado.
- Quem disse que não tenho?
- Jura?
- Não.
- Rá-rá-rá, muito engraçada. Tati, assina seu nome! E dá o endereço da sua página pro Fabiano.
- Quê?
- Ele é professor de Literatura, vai gostar de ler.
- Eu não!
- Mas fala sinceramente: você não pensa mesmo em publicar?
- Que publicar, Helô! Acha que eu tenho grana pra isso? Tenho zero.
- Manda pra uma editora, quem sabe eles gostam e publicam.
- Helô, acorda. Tenho 15 anos. Tem escritor com 40 que...
- Sem essa de comparar! Você não vive me dizendo que cada um é um? O peixe morre pela boca, belo ditado.
- Amiga, eu não quero escrever um livro. Quero cantar, entendeu?

18 de março, segunda-feira.

Ela não sabe, mas o diário existe.
Não igual ao da minha mãe. Parecido.
E trancado.

3

Alicia ainda não tinha entrado, quando Henrique chegou ao portão. Ele perguntou o que ela estava fazendo parada ali. E emendou em seguida:

- Cadê a Cris?

— Pois é. Por isso mesmo tô aqui. Só me falta ela não vir justo hoje!

Ele desconfiou que essa última frase tivesse uma importância extra:

— Tem prova?

Levou bronca:

— Henrique!

— Nossa...

— Rique, você anda com a cabeça na lua, pensa que eu não percebi? O que tá acontecendo?

Henrique disse que não era nada. O trabalho. A música. Falou até do sobrinho.

— Resume: não estudou.

— Com tudo isso na cabeça...

— A Cris tá com o meu caderno desde ontem, ficou de levar em casa e nada. Ah! Olha ela aí!

A amiga se aproximou, esbaforida, os cabelos molhados e pingando como se tivesse acabado de sair do banho. Fato.

Os três, mais Guilherme e Lucas, faziam parte da *crew*, formada quando tinham 12 anos, na comunidade do Morro do Horácio.

Estudavam na mesma classe, no terceiro ano do Ensino Médio, no período da manhã. À tarde, ocupavam-se ajudando em casa ou fazendo pequenos trabalhos que contribuía com a renda da família. Alícia auxiliava a professora de reforço do centro comunitário; Cris dava aulas particulares de dança para as crianças do Morro; Guilherme ajudava o padraсто com o aluguel da garagem, Henrique trabalhava à noite como DJ quando o chamavam para alguma festa. Muitas vezes, Lucas ia junto e dividiam o cachê. No entanto, nenhum deles tinha um trabalho fixo.

— Quase não chego! — Cris foi explicando antes que os amigos perguntassem — Desci correndo, quase rolo.

— O que aconteceu? Trouxe o meu caderno?

— Tá aqui, toma. Eu tive um problema com a porcaria do chuveiro! Que raiva! Justo hoje que acordei atrasada! Bom, por um lado, acordei de verdade, porque tomei banho com água gelada! Pega só em mim pra você ver, tô morta.

Alícia pôs a mão no braço estendido:

- Tá quente.
- Claro, vim correndo, não disse? Ah, deixa pra lá. O que vocês estão fazendo aqui que ainda não entraram?
- Cheguei agora também — Henrique respondeu. — Perdi a hora.
- Problemas com o chuveiro?
- Não. Foi com o relógio mesmo. Dormi muito tarde.
- Ah é? E o que tava fazendo? — quis saber Cris.
- Escrevendo.
- O quê? — perguntou Alícia.
- Nada de mais, selecionando umas músicas... Os meninos já chegaram?
- Sim, foram pra classe. Disseram que iam dar uma repassada na matéria — explicou Alícia. — Bom, mas chega de conversa fiada. Vamos?
- Cris suspirou profundamente:
- E boa sorte pra nós!

4

18 de março, segunda-feira.

Continuando.

Não consigo dormir. A luz do celular não deixa. Nem adianta desligar, porque não durmo do mesmo jeito. Então, escrevo. Segunda-feira é sempre um dia brabo.

A Helô me conhece bem, nem preciso contar que deu tudo errado no sábado. Ela sente. Pressente. Sabe que aquele poema tinha nome e endereço.

Minha mãe dá um grito me mandando dormir. Eu digo um “já vai” e ganho alguns minutos. “A luz que sai da tela prejudica seus olhos, inibe seu sono, a luz